

## A TRANSFORMAÇÃO DO CULTO DA MORTE DA IGREJA DO BONFIM EM SANTUÁRIO DE FERTILIDADE

CARLOS OTT, DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFBA

Escrevi ultimamente a história da igreja do Bonfim da Cidade do Salvador. Analisando minuciosamente as fontes antigas existentes, fiz várias descobertas interessantes.

José Eduardo Freire de Carvalho Filho, em seu livro *A Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim e sua História* (2.<sup>a</sup> edição, Bahia, 1945) afirmara ter sido o capitão de mar-e-guerra Teodósio Rodrigues de Faria o fundador da igreja do Bonfim; ao passo que eu cheguei à conclusão que o dito Teodósio teve apenas um papel muito secundário na construção da caixa da mencionada igreja, interessando-se mais pela decoração interior dela, depois de 1752. Não contesto, porém, que Teodósio Rodrigues de Faria introduziu o culto do Senhor do Bonfim na Bahia.

Em segundo lugar, pude provar que o Santuário do Senhor do Bonfim, no decorrer do tempo, transformou-se parcialmente em santuário de candomblézeiros. E é isso que nos interessa no presente artigo.

A igreja do Bonfim, desde o início, foi projetada como santuário, transferindo-se seu culto da cidade portuguesa de Setubal para a Bahia, pelo simples toque da nova imagem na antiga. E a planta tenra criou rapidamente raízes na Bahia, deixando na sombra o santuário de Setubal. Deu-se a mesma coisa como no mundo vegetal, quando se fazem enxertos; estes enfraquecem de tal maneira o tronco primitivo que parecem ter-lhe tirado a seiva. Se o tronco materno não morre, ao menos não se desenvolve mais. Foi o que se deu com o culto do Senhor do Bonfim. O santuário da Bahia, dentro de um século, tornou-se de tal maneira conhecido, que recebia doações da Europa e da África, ao passo que o de Setubal nem é conhecido fora de Portugal.

Que, porém, este santuário cristão da Bahia aceitasse no decorrer do século XIX, ao menos parcialmente, caráter de santuário de um culto africano, foi devido à sua situação numa colina, num "monte", símbolo fálico dos africanos. A formação deste santuário fetichista não foi, porém, deliberada, mas espontânea. Entretanto esta deformação deu-se apenas na mentalidade dos filhos e netos africanos, ao passo que, para os baianos brancos, o Senhor do Bonfim continuava a ser o santuário cristão.

Quando os escravos africanos eram embarcados para o Brasil, entravam em fila e se batizavam. Este batismo não passava, porém, de uma cerimônia forçada, sem sentido para os filhos da África, que nem en-

tendiam o seu significado; não aceitavam a religião cristã, mas traziam as religiões africanas para o Brasil. Um santo crucificado e humilhado não possuía atração para os africanos.

No século XVIII surgiram os primeiros candomblés no Cabula, naquele tempo bem afastado da Cidade de Salvador. Mas para a polícia não era longe; dissolvia a tóda a hora aquêles primeiros terreiros. Entretanto, religião perseguida, religião aumentada! É o que observamos em todos os tempos. Os africanos estavam acostumados às perseguições de todos os gêneros, às quais respondiam com disfarces dos mais variados. Colocavam mantos cristãos em redor dos orixás pagãos. Aceitavam por fora o culto católico e continuavam por dentro pagãos. Os brasileiros louvavam a docilidade africana, mas as religiões do Continente negro minavam os alicerces do templo católico. As mães pretas que ofereciam seus seios túrgidos aos filhos anêmicos do patrão branco contavam, ao mesmo tempo, aos filhos maiores dêle, as velhas estórias africanas sôbre a origem do mundo, do homem, dos deuses. Assim as novas gerações baianas aos poucos chegaram a conhecer melhor a mitologia africana do que a bíblia cristã. E quando os rapazes procuravam quem os iniciasse nos mistérios da vida sexual, as mães pretas que os tinham amamentado ofereciam-se a êles com corpo e alma; e lhes contavam, ao mesmo tempo, os segredos do culto da fertilidade. Agora já não precisavam disfarçar; entre amantes não há necessidade disso. Falavam de seu orixá Oxalá identificando-o com o Senhor do Bonfim. Os "ioiôs", no comêço, não tomavam pé nesta linguagem cheia de têrmos africanos. Entretanto, interessavam-se tão pouco por assuntos religiosos que nem procuravam desvendar os mistérios do culto africano. E quando êste lhes prometia orgias sexuais, abraçaram com corpo e alma esta nova religião e suas representantes africanas. Estava feito o sincretismo religioso.

Em 1804, a Irmandade do Senhor do Bonfim permitiu às devotas de São Gonçalo do Amarante colocar uma imagem dêste santo na sua igreja. São Gonçalo do Amarante, antigamente, tinha sido o santo casamenteiro por excelência; mas, em séculos mais recentes, teve que dividir êste trabalho com S. Antônio de Pádua, ou de Lisboa, como os portugueses preferiam denominar seu santo. Encarregaram-no do casamento das môças. Entretanto, São Gonçalo do Amarante continuava a ser o casamenteiro das solteironas e viúvas. Estas devotas de São Gonçalo do Amarante faziam procissões pomposas na igreja do Bonfim, depois de 1804. Iam vestidas de branco e seguravam nas mãos uma vela. As novenas, anteriores à festa de seu santo, durante o século XIX, tornavam-se cada vez mais concorridas, rivalizando com as do Senhor do Bonfim. Era bem significativa uma das jaculatórias que se cantavam durante esta novena:

Mereceu Gonçalo Santo  
Ser no mundo vosso amante,  
Eu também com viva fé  
Espero ser semelhante.

E, no decorrer do século passado, as devotas de São Gonçalo foram substituídas paulatinamente pelas filhas-de-santo dos candomblés baianos; andavam vestidas de branco, como aquelas. Ninguém percebia esta substituição. E são elas, hoje em dia, que em cada sexta-feira da semana, chegam correndo em romaria à igreja do Bonfim. Identificaram o santo casamenteiro com o orixá africano Oxalá, a personificação da fertilidade humana no Continente africano.

A Irmandade do Senhor do Bonfim, apenas em 1918 deu-se conta desta rivalidade do culto de São Gonçalo do Amarante e tomou a si as festas deste santo, suprimindo-as para não ficar sufocado o culto do Senhor do Bonfim. Entretanto, já era tarde demais. Podem-se suprimir festas; mas suprimir um culto já enraigado é difícil. Os africanos e seus filhos e netos já identificavam o deus da morte com o deus da vida. Os africanos tinham enganado o branco.

E os candomblézeiros não enganaram apenas os mesários da Irmandade do Senhor do Bonfim, mas a todos os católicos baianos. Antigamente eram as filhas de Maria e as devotas de São Gonçalo do Amarante que fechavam as fileiras das procissões em redor da igreja do Bonfim. Agora são as filhas-de-santos que tôda a sexta-feira chegam em romaria à colina sagrada. Não querem adorar o Senhor do Bonfim, mas o seu santo de fertilidade, o orixá Oxalá, oxalufá chamado na língua nagô, até hoje falada na Bahia. Os distintivos do deus pagão eram o membro viril e os testículos; os distintivos do santo cristão São Gonçalo do Amarante, são o bastão e as campainhas. Distintivos bem parecidos; cobertos com o manto cristão ninguém descobre o significado pagão.

E foram evidentemente também estas filhas de santo africanas que introduziram a lavagem da igreja do Bonfim, embora sôbre isso não haja documentos conservados. Mas a lavagem da igreja era um ato simbólico para a lavagem do santo, nas festas de seu aniversário. As vêzes levamos anos até descobrirmos a origem étnica de um elemento cultural, como se deu no presente caso.

Recentemente, li dois artigos sôbre os velórios dos Santos e a influência negra na Venezuela (cfr. Luis Felipe Ramon y Ryvera, "Etas über venezolanische Volksmusik" (na revista *Südamerika*, vol. II, fasc. 3 (Buenos Aires 1951, 960-969); Angelina Pollak Eltz, "Afrikanische Relikte in der Volkskultur Venezuelas (na mesma revista, vol. XVII (Buenos Aires 1967, 180-185).

Aí verifiquei que, naquele país, até hoje, lavam o santo ou o orixá na véspera de sua festa, costume êste que por sua vez, remonta à usança do Velho Mundo de lavar o cadáver de uma pessoa, antes de enterrá-la.

Os católicos baianos não conservaram êste costume até os nossos dias; mas devem tê-lo praticado em tempos passados, como mostra um fato conservado em terra baiana. Quando, em 1968, um grupo de alunos meus, da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, fazendo uma pesquisa etnológica para a minha cadeira, em Arembepe, lugarejo situado no litoral do nordeste, além de Abrantes, verificaram a conservação da usança da lavagem do orixá na véspera de seu aniversá-

rio. Em lugares do Recôncavo baiano, mais expostos à observação crítica dos brancos, esta lavagem do santo, conservada em Areembepe, foi transformada em lavagem da igreja ou da Casa do Santo. Praticou-se durante muito tempo a lavagem da igreja do Bonfim; mas já que se tinha transformado mais em samba licencioso do que cerimônia religiosa, foi proibida pelas autoridades eclesiásticas. E o que atualmente se pratica e ainda se chama a lavagem da igreja do Bonfim é apenas uma farsa para inglês ver, como diz o povo. Quando há intervenção de autoridades nas usanças populares, o povo se ofende e se retrai; o que sobra é o teatro folclórico.

Foi assim que, em todos os tempos, formaram-se paralelismos religiosos em ambientes sociais sem liberdade de manifestarem abertamente as suas idéias verdadeiras. Os disfarces deliberados, no comêço, desenvolvem-se paulatinamente num sincretismo religioso, freqüentemente de difícil interpretação.

Não se pode generalizar. Se o primitivo culto da morte cristã, praticado nos primeiros decênios da existência do Santuário do Bonfim da Cidade do Salvador, foi transformado aos poucos pelos candomblêzeiros baianos em culto de fertilidade e dos antepassados, tal caso não se deu na mente dos católicos baianos. Estes continuam a venerar o Crucificado como o homem que conseguiu vencer a morte. E os cristãos continuam a implorá-lo como seu santo. Morrem para a vida, para viverem com êle depois da morte. E é neste sentido que o Santuário do Bonfim continua a ser o templo dos cristãos.

Entretanto, quem dirá hoje em dia qual dos dois cultos realmente predomina na igreja do Bonfim, o culto da morte dos cristãos ou o culto da vida dos pagãos?

Já não há baianos sem algumas gôtas de sangue africano nas veias; assim também não há mais elemento cultural baiano sem qualquer influência africana.

#### *THE TRANSFORMATION OF THE CULT OF THE DEAD OF THE CHURCH OF BONFIM INTO FECUNDITY SANCTUARY*

*The Sanctuary of Bonfim, founded in the XVIII<sup>th</sup> century, is one of the most reknown in the city of Salvador.*

*During the XIX<sup>th</sup> century this catholic temple became the sanctuary for African cults owing to its location on a hill, "monte", which is a phallic symbol for Africans, according to the authour of this article.*

*He states that in the last century the devotees of the Portuguese cult of São Gonçalo do Amarante, were replaced by the "filhas-de-santo" of the Bahian candomblés. In 1918, the religious brotherhood which maintained the temple abolished the cult of São Gonçalo in order to ensure the survival of the cult of Senhor do Bonfim. And to-day, it is the people of African descent who play the greatest role in the Sanctuary, its original history notwithstanding.*

*The authour believes that the African custom of washing corpses is related to the ceremony of washing the temple and that there has been a fusion between African and Christian beliefs about the cult which cannot be separated.*

### **LA TRANSFORMATION DU CULTE À LA MORT DE L'ÉGLISE DU BONFIM EN SANCTUAIRE DE LA FERTILITÉ**

*Le Sanctuaire de Bonfim, fondé au XVIII<sup>e</sup> siècle, est un des centres religieux les plus renommés de Salvador. Durant le XIX<sup>e</sup> siècle, ce sanctuaire catholique prit les caractéristiques de sanctuaire des cultes africains, en raison de sa situation sur un coteau, un "monte", symbole phalique des Africains, selon l'Auteur.*

*L'Auteur affirme que, pendant le dernier siècle, les dévotes de São Gonçalo do Amarante, dévotion portugaise, furent remplacées par des filhas-de-santo des candomblés bahianais.*

*Em 1918, la confrérie religieuse qui entretenait le sanctuaire revoqua le culte de São Gonçalo pour laisser continuer celui du Senhor do Bonfim. Mais malgré cela durant les grandes fêtes du sanctuaire, ce sont les descendants d'Africains qui ont, encore aujourd'hui, une plus grande participation. L'auteur croit qu'il y a une relation entre la pratique africaine du lavage des cadavres et la cérémonie, encore en usage, du lavage du temple.*

*L'Auteur affirme que, actuellement, il y a dans le culte du "Senhor de Bonfim" une fusion des croyances africaines et chrétiennes qu'il est impossible de dissocier.*